



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MARIA LÍVIA GOMES DE ALMEIDA**

**LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: REPRESENTATIVIDADE ÉTNICO-  
RACIAL NA OBRA: O CABELO DE LELÊ DE VALÉRIA BELÉM**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

MARIA LÍVIA GOMES DE ALMEIDA

**LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: REPRESENTATIVIDADE ÉTNICO-  
RACIAL NA OBRA: O CABELO DE LELÊ DE VALÉRIA BELÉM**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447r Almeida, Maria Livia Gomes de.  
Representatividade étnico-racial em "O cabelo de Lelê" de Valéria Belém [manuscrito] / Maria Livia Gomes de Almeida. - 2023.  
19 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."  
1. Representatividade étnico-racial. 2. Literatura Infantil. 3. Formação de leitor. I. Título  
  
21. ed. CDD 372

MARIA LÍVIA GOMES DE ALMEIDA

LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: REPRESENTATIVIDADE ÉTNICO-RACIAL  
NA OBRA: O CABELO DE LELÊ DE VALÉRIA BELÉM

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a Coordenação do Curso de  
Licenciatura em Pedagogia da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito à obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 01/12/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

 MARIA DO SOCORRO MOURA MONTENEGRO  
Data: 21/03/2024 13:55:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientadora)

 MARGARETH MARIA DE MELO  
Data: 26/03/2024 16:39:40-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Margareth Maria de Melo

 SENYRA MARTINS CAVALCANTI  
Data: 21/03/2024 17:30:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ms. Senyra Martins Cavalcante

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>05</b>
<b>1.1</b>	<b>Concisa biografia de Valéria Belém</b> .....	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>A INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA A REPRESENTATIVIDADE ÉTNICO – RACIAL</b> .....	<b>09</b>
<b>3</b>	<b>A REPRESENTAÇÃO ÉTNICO – RACIAL NA LITERATURA INFANTIL PARA CRIANÇAS BRASILEIRAS</b> .....	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DA OBRA: O CABELO DE LELÊ E O COMBATE AO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO FRENTE AO CABELO</b> .....	<b>14</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>16</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>17</b>

## LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: REPRESENTATIVIDADE ÉTNICO-RACIAL NA OBRA: *O CABELO DE LELÊ* DE VALÉRIA BELÉM

Maria Lívia Gomes de Almeida <sup>1</sup>

### RESUMO

Compreende-se que a educação é o maior instrumento de transformação social e, no contexto escolar precisa, com a máxima urgência, proporcionar situações de ensino-aprendizagem favoráveis à construção da identidade cultural de modo geral e, em particular, à criança negra. No entanto, sabemos que o Brasil está estruturado nas relações étnico-raciais e nos conflitos de poder, e estes, por seu turno, resultam dessas relações, nas quais o preconceito e a discriminação racial têm permeado o cotidiano de adultos e de crianças afrodescendentes. Nesse sentido, ao focar a Literatura Infantil como um produto cultural, que tem uma importante função social, é porque reconheço-o, sobretudo, quando é o papel da Literatura Infantil sensibilizar as crianças/alunos para que elas possam criar e recriar o seu mundo de forma inventiva e imaginativa, chegando a compreender o mundo em que vive e ao mesmo tempo, compreender a si mesma. E, para isso, os educadores precisam explorar, além de outras, mas, principalmente, obras com conteúdos antirracistas, pois é muito reconfortante primar por essa orientação pedagógica e de vida. Desta forma, surge o seguinte problema de pesquisa: como ocorre a representatividade étnico-racial na literatura infanto-juvenil brasileira na obra: *O cabelo de Lelê*? Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa dar visibilidade a literatura infantil quanto ao seu papel na formação da criança leitora e a sua contribuição para a representatividade étnico-racial na obra: *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém. A elaboração deste estudo foi realizada por meio de estudo bibliográfico descritivo, de natureza interpretativa e documental, baseado na obra: *O cabelo de Lelê*. Para isso, adotamos uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. Tendo como referencial teórico os estudos de Almeida (2018); Carine (2023); Cadermatori (2010); Cavalleiro (2014); Gomes (2018); Munduruku (2009) e outros.

**Palavras-chave:** Representatividade étnico-racial; Literatura Infantil; Obra: *Cabelo de Lelê*.

### ABSTRACT

It is understood that education is the greatest instrument of social transformation, and in the school context, it urgently needs to provide teaching-learning situations favorable to the construction of cultural identity in general and, particularly, for the black child. However, we know that Brazil is structured in ethnic-racial relations and power conflicts, which, in turn, result from these relationships, where prejudice and racial discrimination have permeated the daily lives of adults and Afro-descendant children. In this sense, focusing on Children's Literature as a cultural product, which has an

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.  
E-mail: [marialivia1997@outlook.com](mailto:marialivia1997@outlook.com).

important social function, is because I recognize it, especially when it is the role of Children's Literature to sensitize children/students so that they can creatively create and recreate their world in an inventive and imaginative way, coming to understand the world in which they live and, at the same time, understand themselves. And for this, educators need to explore, among other works, but mainly those with anti-racist content, as it is very reassuring to prioritize this pedagogical and life orientation. In this way, the following research problem arises: how does ethnic-racial representation occur in Brazilian children and youth literature in the work "O cabelo de Lelê"? In this sense, the general objective of this research is to give visibility to children's literature regarding its role in the formation of the reading child and its contribution to ethnic-racial representation in the work "O cabelo de Lelê" by Valéria Belém. The elaboration of this study was carried out through a descriptive bibliographic study, of an interpretative and documentary nature, based on the work "O cabelo de Lelê". For this, we adopted a qualitative bibliographic research. Theoretical references include studies by Almeida (2018), Carine (2023), Cadermatori (2010), Cavalleiro (2014), Gomes (2018), Munduruku (2009), and others.

**Keywords:** Ethnic-racial representation; children's literature; racism; Brazilian literature.

## 1 INTRODUÇÃO

Livros são portas para o conhecimento, através dele se conhecem as ciências, embarcam-se em fantasias, criam-se e vivenciam-se histórias em reinos distantes. Inicialmente, é na fase escolar que as crianças iniciam seu primeiro contato com o mundo da leitura e, conseqüentemente, os livros são em grande maioria, os contos clássicos da literatura infantil, que muitas vezes são utilizados para complementação dos conteúdos, ou firmam lições para formação moral. (Cademartori, 2010, p. 16) afirma que:

O caráter formador da literatura infantil vinculou-a, desde sua origem, a objetivos pedagógicos. Ora, isto cria uma tensão entre o saber da obra literária (que diz "apresento o mundo assim") e o ideal da pedagogia (que diz "o mundo deveria ser assim"). Tal tensão é o grande desafio da obra destinada ao público infantil que, não solucionado, muitas vezes, abala o seu próprio estatuto literário (Cademartori, 2010, p. 16).

E, em sendo assim, é importante alertar para o fato de que a Literatura Infantil é capaz de romper com essa visão dúbia de construção da moral e comportamento ou ser usada para complementação dos conteúdos escolares, sendo livre para que as crianças possam ser capazes de ler, de se sentirem representadas e estimuladas para construir conhecimento e de serem valorizadas sobre si e sobre o outro.

Além de funcionar como um instrumento de problematização, intervenção e representação nas questões raciais, considerando que a representatividade e o combate ao racismo estrutural, tendo clareza de que, segundo Almeida (2018, p. 15 – 16), "A tese central é a que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade." E, para além disso, o racismo se apresenta como uma manifestação normal de uma sociedade, de modo que, também é construído pelo imaginário social. E, no caso da leitura das obras, as crianças e os adultos podem examinar as relações entre os

personagens e histórias fictícias com situações reais do cotidiano, constituindo representações de ideias e valores dos sujeitos envolvidos de modo que os professores atuem como produtores culturais envolvidos nas questões públicas educacionais e sociais.

Na tradição brasileira, literatura infantil e escola mantiveram sempre relação de dependência mútua. A escola conta com a literatura infantil para difundir ataviados pelo envolvimento da narrativa, ou pela força encantatória dos versos sentimentos, conceitos, atitudes e comportamentos que lhe compete inculcar em sua clientela. E os livros para crianças não deixaram nunca de encontrar na escola entreposto seguro, quer como material de leitura obrigatória, quer como complemento de outras atividades pedagógicas, quer como prêmio aos melhores alunos. (Lajolo, 1993, p. 66).

Como vimos, se segundo Lajolo, por um lado, a Literatura Infantil e a escola mantem relação de dependência mútua, por outro lado, a escola, segundo Althusser (1992) é considerada uma das primeiras instituições ideológicas de estado e, em sendo assim, por vezes, representa o primeiro espaço em que muitas crianças sofrem racismo, seja por parte dos colegas de turma, dos professores e dos funcionários da escola.

Desse modo, a nosso ver, a Literatura Infantil contemporânea traz reflexões antirracistas, basta que os professores e as professoras explorem bastante. Até porque a Literatura Infantil clássica, advinda de algumas histórias de Monteiro Lobato, possui termos extremamente racistas, usados por ele, em “O Sítio do Pica-Pau Amarelo” e Histórias de Tia Nastácia”, que precisam ser compreendidos a luz de um determinado contexto histórico e cultural, sobretudo, se levarmos em consideração que a nossa sociedade é fruto de uma **sociedade extremamente patriarcalista, machista e racista** e, queiramos ou não, ainda vivemos, hoje, os reflexos dessa sociedade.

Nessa direção, as práticas pedagógicas que favoreçam o estabelecimento de relações étnico-raciais positivas são muito importantes para a luta contra o racismo nas escolas e, neste sentido, reforçamos que a Literatura Infantil é um importante instrumento para a construção ou reconstrução da identidade negra, pois esta é uma das formas pela qual construímos a nossa historicidade e passamos aos nossos descendentes o modo de viver de nossa cultura. E, só a Literatura Infantil pode contribuir para que as crianças e jovens possam refletir sobre a condição do negro, sobretudo, se entendermos que “A democracia racial é um mito. Não há plena igualdade entre as pessoas negras e não negras no Brasil” (Carine, 2023, p. 51).

Nesse entendimento, a Literatura Infantil e Juvenil, vem ganhando notoriedade porque ela traz em seu bojo, inúmeras temáticas tanto dentro do campo dos estudos racistas, como do de de outros, incluindo a valorização e o reconhecimento da diversidade humana como elemento agregador à qualidade artística de suas obras. Assim, tais estudos consideram que entre os critérios que definem a qualidade estético-literária de um livro está, portanto, o reconhecimento e a afirmação dos grupos humanos em sua diversidade cultural, social, étnica e racial.

No âmbito escolar, sabe-se que o currículo sempre foi palco de disputas políticas e que, durante muito tempo, foi construído predominantemente com base eurocêntrica. A articulação do movimento negro conquistou o direito à inserção da Lei 10.639/03, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2003), que trata da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura afro-brasileira nas instituições



de ensino, com enfoque em aulas de História, Artes e Literatura. Entretanto, muito se tem a discutir acerca da efetiva implementação da Lei nas práticas pedagógicas cotidianas, sobretudo, porque “a temática da cultura africana e afro-brasileira, bem como a escrita de escritores afro-brasileiros ficou silenciada” (Debus, 2017, p. 23).

[...] No que diz respeito à produção literária para infância e para juventude essa discussão é novidadeira, mas posso dizer que os títulos atualmente no mercado editorial brasileiro estão divididos em três grandes categorias: 1) literatura que tematiza a cultura africana e a afro-brasileira; 2) literatura afro-brasileira; e 3) literatura afro-brasileira e literatura africanas (Debus, 2017, p. 25 – 26).

Aproveitemos a Literatura Infantil que traz à tona as temáticas afro-brasileiras e, é, justamente, por essa razão que esse estudo justifica-se pela necessidade em aprofundar, cada vez mais, conhecimentos sobre essa temática, buscando analisar como a Literatura Infantil e Juvenil vem representando os grupos humanos, em especial uma significativa parcela da população que foi histórica e simbolicamente estigmatizada por sua origem africana, considerando a nossa origem. É de suma importância observar o reconhecimento do nível de importância de personagens negras nesse gênero literário. Assim como, é válido identificar, a evolução da Literatura Infantil e Juvenil, e os avanços na representação de personagens étnico-raciais, tendo em vista que nos primórdios dessa produção literária não havia sequer tais representações. Desta forma, surge o seguinte problema de pesquisa: como ocorre a representatividade étnico-racial na Literatura Infanto-Juvenil brasileira a valorização do cabelo afro na literatura infantil na obra: *O Cabelo de Lelé*.

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é dar visibilidade a Literatura Infantil quanto ao seu papel na formação da criança leitora e a sua contribuição para a representatividade étnico-racial na obra: *O Cabelo de Lelé*, de Valéria Belém.

Partindo dessa premissa, os objetivos específicos são: observar a trajetória da representação étnico-racial na produção literária infantil brasileira; verificar como é trabalhada a representação étnico-racial literatura infantil brasileira por meio dos personagens; demonstrar a representação étnico-racial na Literatura infantil a valorização do cabelo afro na literatura infantil na obra: *O Cabelo de Lelé*.

Convém ressaltar que, assim como a Literatura Infantil contribui para a transformação social, também, compreendemos, sobremaneira, o quanto a educação deve ser instrumento transformador e a escola, como sendo um dos principais espaços onde esta ocorre. Por isso, precisa e deve proporcionar situações de ensino-aprendizagem favoráveis à construção da identidade cultural de modo geral e em particular, à criança negra, para que esta possa se sentir representada nesse espaço. E, se trazemos essa discussão para o âmbito da escola, sabemos que a sociedade da qual nossas crianças fazem parte, já é estruturada nas relações étnico-raciais e nos conflitos de poder, e estes por seu turno, resultam dessas relações, nas quais o preconceito e a discriminação racial têm permeado o cotidiano de adultos e de crianças afrodescendentes.

A elaboração deste estudo foi realizada por meio de estudo bibliográfico descritivo, de natureza interpretativa e documental, baseado na obra: *O cabelo de Lelé*. Para isso, adotamos uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, levando em consideração que existe uma relação entre o mundo e o sujeito que vai além dos números.

E, para finalizar, esse artigo está estruturado da seguinte forma: primeiro, uma concisa biografia de Valéria Belém; segundo a Influência da literatura para a representatividade Étnico-Racial; terceiro, a Representação Étnico-Racial na Literatura Infantil para Crianças Brasileiras; quarto, a Análise da obra: *O Cabelo de Lelê* e as Contribuições Críticas do Antirracismo e, por último as Considerações Finais e Referências Bibliográficas.

### 1.1 Concisa Biografia de Valéria Belém



Fonte: Google Imagens, 2023.

Valéria Barros Belém Dias assina Valéria Belém é carioca, nasceu no Rio de Janeiro, sua mãe é cearense e seu pai tocantinense, morou em São Paulo, Brasília e mora em Goiânia. Ela mesma explica essa conjunção de lugares: “Quando me perguntam de onde sou, respondo logo: de todos os lugares e de lugar nenhum, ou seja, uma típica brasileira, mistura total do Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste regiões que deixaram marcas e lembranças tão fortes em mim, que é claro, as histórias que conto estão recheadas delas”.

É jornalista, escritora e apaixonada pelo que faz. Edita os suplementos Almanaque e Campo do jornal O Popular (GO), trabalho premiado pela Society for News Design (SND), de Nova Iorque.

Apaixonada pelo que faz, a autora recebeu o título Jornalista Amiga da Criança pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), com sede em Brasília.

O maior sonho Valéria Belém, ela mesma diz: “é tocar o coração daqueles que leem seus livros, assim como ela já foi tocada por vários autores”.

Escreveu vários livros, entre eles: Um dia sem cor Autor, da Editora Companhia Editora Nacional Ano, em 2007, que conta o “Era uma vez um homem diferente de todo mundo. Ele havia nascido sem cor. Por causa disso, foi pesquisar até conseguir retirar as cores do mundo!” E deixa no enredo a resposta à pergunta: “Será possível trazê-las de volta?”.

Eu não sou coelho, não! Também de 2007, da coleção Outras Histórias mostra uma personagem que fala pelos cotovelos e um dia, porém, ela decide ser diferente: fica caladinha, quietinha. E então aprende que cada um é do seu jeito. E não tem por que mudar!

Feita de pano é mais umas das histórias de Valéria, traz as ilustrações de Adriana Mendonça e também é da coleção Outras Histórias. Mostra que uma vida se faz a partir de momentos. A menina vira mulher e envelhece costurando partes de suas vivências que, no fim, resultam em uma linda colcha. Aproveita a evolução e brinca com os verbos (Companhia Editora Nacional, 2007).

Em 2011 autografou dois novos títulos A menina Balão e Os Homens Pula-pula editados pela Cia Editora Nacional, no 2º Salão do Livro Infantil e Juvenil de Goiás. Ainda assina os livros Histórias de meninas e meninos, Histórias de Páscoa, Janela de Papel e Cabelo de Lelê, este de 2012.

## **2 A INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA A REPRESENTATIVIDADE ÉTNICO-RACIAL**

A Literatura Infantil tem um grande impacto na construção da identidade porque é através dela que as crianças podem concretizar as suas aspirações de infância em enredos nos quais se sentem representadas. Portanto, as escolas devem expor os alunos à literatura infantil afro-brasileira, que inclui heróis negros e a cultura africana, a fim de compreender e apreciar a diversidade cultural originária da África e permitir que as crianças de ascendência africana desenvolvam uma cultura positiva. Imagem de si mesmo, estabelecendo assim uma identidade racial desde a primeira infância. Pois partimos do princípio de que:

Você, professor, professora branco(a), não só pode como deve abordar as questões étnico-raciais na sala de aula. Você tem o seu lugar de fala, e é um lugar precioso, considerando que está em uma condição de respeito e admiração diante da estudantada. Não dá para perder a oportunidade de falar sobre equidade racial por ser branco(a) e, por isso, por esse lugar de sujeito universal não se sentir racializado e não se sentir inserido na pauta (Carine, 2023, p. 63 – 64).

Essa autora está chamando a atenção do professor e da professora, de modo que eles podem abordar as questões étnico-raciais no contexto da Literatura Infantil, porque entendemos que a Literatura Infantil que retrata o racismo raramente é ensinada nas escolas, então o preconceito racial persiste e, na maioria das vezes, é difícil a criança distinguir a prática racista de um insulto racial. As questões raciais nas escolas geralmente só são discutidas em datas comemorativas como o Dia do Índio e o Dia da Consciência Negra, onde os eventos de pintura corporal são dedicados aos povos indígenas e um lindo dia de (des)consciência racial, que são apenas algumas

entre muitas datas. Sabemos que o trabalho que as escolas realizam sobre a história afro-brasileira e a cultura indígena em sala de aula reflete o quão pouco conhecemos e apreciamos nossa própria história. Pois:

Grosso modo, aprendemos nos livros [didáticos] que o “índio” vive em função do colonizador e é tratado sempre no passado, não lhe restando nenhum papel relevante na sociedade contemporânea. Ou seja: apresentam uma visão simplista sobre os habitantes da América, considerando-os povos sem história, sem escrita, negando portanto, seus traços culturais. Isso induzia o educando a considerar positiva a conquista e o extermínio do índio pelo colonizador. Além disso, nesses livros não se apresentavam a diversidade cultural e linguística dos povos autóctones, passando a imagem de uma igualdade fictícia (Munduruku, 2009, p. 23).

Daniel Munduruku, como indígena do povo Munduruku traz essa importante reflexão sobre o que os livros didáticos têm ensinado às crianças e aos jovens sobre a questão indígena, alertando-nos de que precisamos desconstruir uma visão simplista sobre os habitantes da América. É preciso e necessário aprofundar as suas origens, a sua historicidade e os seus aspectos políticos e econômicos. A falta de conhecimento levou a uma visão depreciativa de pobreza, doenças, fome, negros e selva. Tudo isto existe de facto, porém não se limita a isto, a nossa visão nada mais é do que uma falta de compreensão do continente africano, deixando-nos com uma interpretação muito fragmentada, pelo que é necessário desconstruí-la.

É nessa direção que compreendemos que a “Leitura é algo capaz de provocar mudanças, para lá do entretenimento que, no entanto, é fundamental para atrair e animar o contato primeiro de iniciantes, como a criança, com o livro” (Cadermatori, 2009, p. 24). Basta, apenas, que o professor e a professora explore a Literatura Infantil com temáticas afro-brasileiras.

Nessa perspectiva, surgem questões relacionadas à exclusão dos negros da sociedade devido à influência histórica dos estereótipos estabelecidos pelas escolas e pela própria sociedade. Portanto, dado o poder das escolas na construção e desconstrução de ideologias, acreditamos que podemos trabalhar não só as questões étnicas e o combate ao racismo e à discriminação, mas sobretudo enfatizando que estas questões são políticas. Pois precisamos, portanto, contribuir no processo de formação política, classista, dos nossos alunos, a partir da própria Literatura Infantil.

O Brasil tem uma dívida com os afrodescendentes e os africanos devido a anos de exclusão, abdição de direitos e falta de reconhecimento de sua importância na história, formação e construção do país. Diante disso, acreditamos que por mais que tenha contribuído para o combate ao racismo no Brasil, a anterior Lei 10.639/2003 se via como uma ferramenta política que ajudaria a salvar nossa historicidade.

O conteúdo preconceituoso e racista nos currículos escolares fragmenta a história e a beleza do continente africano. Ele não só enriqueceu o desenvolvimento econômico e político da sociedade brasileira em termos de gastronomia, música, dança, literatura, etc., mas também entre outras características do desenvolvimento da sociedade brasileira, deve-se reconhecer que o conflito dos povos unidos na África trouxe uma influência multifacetada em todos os aspectos do país.

Observa-se assim a formação e preservação de uma identidade cultural bastante diversificada devido às influências europeias, africanas e indígenas, propícia a uma riqueza cultural muito própria. Os africanos desempenharam um papel importante na formação da cultura brasileira porque, ao integrarem suas práticas e costumes à sociedade brasileira, contribuíram para a formação da identidade cultural afro-brasileira.

Na tradição do meu povo, há um ensinamento que diz que todas as coisas merecem reverência por serem uma manifestação da criação, inclusive o homem. Quando dançamos em círculo, quando batemos nossos pés no chão estamos reconstituindo o som da criação e da recriando o mundo repetindo o gesto divino de criar, no presente, a eternidade. Essa é a importância da presença no planeta. Somos todos criadores do novo tempo, do presente e do eterno e fazemos isso com todos os seres vivos. Sem a reverência ao ser humano, a teia da vida estará incompleta (Munduruku, 2009, p. 31)

Munduruku, nessa reflexão, das tradições culturais indígenas está nos ensinando o quanto temos para aprender com os nossos ancestrais no que se refere às reverências, isto é, para eles todas as coisas merecem reverência e, do contrário, “a teia da vida estará incompleta”.

### **3 A REPRESENTAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA LITERATURA INFANTIL PARA CRIANÇAS BRASILEIRAS**

No início do século XX, após a abolição da escravatura no Brasil, algumas representações do negro começam a aparecer na literatura, a princípio, não relacionadas à importante contribuição cultural dos afrodescendentes para a história de nosso país, mas sim, com suas trajetórias de sofrimento e dor. A figura do negro era praticamente inexistente nos livros antes disso e, obviamente, não havia qualquer tipo de preocupação com a criança negra. Esta não tinha visibilidade alguma no cenário burguês, supostamente moderno e civilizado que aqui se procurava instaurar, como é possível observar no seguinte trecho:

[...] o que vimos foram preocupações relacionadas ao status burguês e à manutenção de uma versão idealizante de um Brasil equilibrado, moralista, cujos filhos, trabalhadores, e cujas famílias, bem constituídas, teriam livros e escolas que reforçassem esse padrão europeu de sucesso e de organização." (SILVA e SILVA, 2011, p. 4).

Desse modo, as autoras afirmam que com o país em ascensão econômica, adultos ou crianças pobres eram invisíveis frente à sociedade, pois as preocupações não eram voltadas para esses grupos. Para o negro era ainda pior, pois o fim da escravidão não eliminou também o preconceito. O mercado literário no Brasil era essencialmente ligado aos ideais das classes dominantes, o que, de certo modo, acontece até hoje. Assim, o que não era interessante ou estava relacionado às “raças inferiores”, de acordo com os conceitos daquela época, permanecia velado.

Nas obras literárias, basicamente, não havia personagens negros até o Modernismo. Segundo Gouvêa (2005, p.79), “nas obras produzidas até a década de 1920 os personagens negros eram ausentes ou remetidos ao recente passado escravocrata”. Essa omissão acontecia por diversos motivos. Em primeiro lugar, pessoas negras foram consideradas inferiores em relação às brancas por muito tempo, em aspectos mentais, socioculturais e cognitivos.

As teorias raciais, consideradas científicas, na época, justificavam a soberania dos brancos sobre as demais raças, como afirma Giarola (2010) apresentaram-se no século XIX como um discurso científico que buscava explicar as diferenças entre os grupos humanos, distanciando-se cada vez mais dos dogmas religiosos. Serviram como legitimadoras do imperialismo europeu, possibilitando a hierarquização da

humanidade de forma que o homem branco ocupasse o topo da evolução da espécie, símbolo maior do progresso e da civilização. Essas ideias tiveram ampla difusão na sociedade europeia e não tardaram a se espalhar pelo mundo, ganhando adeptos nos Estados Unidos, Argentina, Brasil, entre outros.

Logo, o uso de taxonomias biológicas para classificar as pessoas em raças superiores ou inferiores diminuía cada vez mais a importância do negro como ser social. As condições de desigualdade se tornaram mais fortalecidas com os processos de escravidão. Os negros não possuíam liberdade e eram propriedades de seus senhores, aos quais eram submissos e subservientes. Portanto, as marcas de inferioridade construídas historicamente faziam com que esses personagens fossem invisíveis nos livros de histórias, assim como eram também para a sociedade (Giarola, 2010).

Em segundo lugar, havia a falta de um público leitor que se interessasse por qualquer informação relacionada ao cotidiano dos negros, já que a grande maioria dos afrodescendentes pós Abolicionismo era analfabetos e, portanto, não compraria esses livros. Quanto aos brancos, segundo Castilho (2004, p. 104) “estavam do lado dos opressores e não poderiam dar atenção aos oprimidos”. Ou seja, tanto por serem considerados inferiores, como por não possuírem recursos para o acesso à arte literária, os negros foram por muito tempo excluídos das páginas dos livros.

Esse quadro só começa a se modificar, com efeito, a partir de 1920, mais de trinta anos após o fim da escravidão. Depois do Modernismo, para Gouvêa (2005, p.79), “os personagens negros tornam-se frequentes, descritos de maneira a caracterizar uma suposta integração racial, hierarquicamente definida.” Assim, eles começam a surgir nas narrativas, porém, com representações estereotipadas, caracterizações superficiais e nomes que se limitavam a reforçar a cor de sua pele, como: negrinho, negrinha, o preto, a pretinha entre outros.

Um exemplo de representação estereotipada muito recorrente nos livros infantis dessa época eram as personagens das velhas e velhos negros. Estes eram na grande maioria coadjuvantes e estavam geralmente na posição de empregados, o que remetia ao recente passado escravocrata. As histórias do povo eram sempre contadas por eles, por meio de narrativas orais “carregadas de valor afetivo, contadas por pretas velhas, associadas à ingenuidade, ao primitivismo, apresentando uma estereotipia e simplificação características” (Gouveia, 2005, p.84).

Assim, esses personagens reforçavam a significação do folclore nacional e da arte da contação de histórias para as crianças. Nas obras de Monteiro Lobato, os personagens Tia Nastácia e Tio Barnabé são exemplos de negros velhos que resgatam o folclore através de suas histórias, costumes e crenças. De forma saudosista, tais personagens ocupavam um lugar à parte e se diferenciam dos outros personagens nas narrativas, de forma sempre característica. Dentro de um contexto Modernista, Nastácia era uma figura que ia de encontro a esse novo Brasil progressista, ao reforçar aspectos da identidade nacional e valorizar práticas culturais que a modernização buscava deixar no passado. Gouvêa fala sobre essa dicotomia de opiniões quanto às tradições folclóricas em tempos de mudança:

Lobato apontava a contradição entre o projeto de resgate da tradição oral e sua inadequação ao presente, na medida em que era associada à ignorância e à falta de criatividade. Lobato falava do fim de uma tradição, sepultada pelos valores da modernidade, que, ambigualmente, de um lado buscava recuperar as raízes nacionais e, de outro, enxergava nessas raízes as origens da ignorância que impediriam a construção de um Brasil moderno. (Gouvêa, 2005, p.85).

Desse modo, percebe-se que Lobato trazia à tona em seus textos a cultura mais tradicionalista do senso comum, que ia gradativamente ficando para trás. Porém, ao mesmo tempo, ele mostrava o distanciamento e desvalorização do saber popular em relação aos saberes eruditos, representado pela cultura do branco europeu, como nesta fala da personagem Emília, em Histórias de tia Nastácia: “Eu, francamente, passo essas tais histórias populares. Gosto mais é das de Andersen, das do autor do Peter Pan e das do tal Carroll, que escreveu Alice no País das Maravilhas. Sendo coisas do povo, eu passo...” (LOBATO, 1937, p. 14 e 15).

Observa-se que além de ter sua inteligência questionada, a aparência física da personagem negra também é mencionada com marcas preconceituosas. As ilustrações de Nastácia nas histórias destacam a desarrumação e sujeira de suas vestes, bem como seus traços físicos grotescos e por vezes assustadores. Dona Benta, a matriarca, representante do conhecimento do branco, erudito, também critica, as práticas orais antiquadas de contação de histórias de Nastácia, como podemos ver neste trecho do livro:

Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda. (Lobato, 1937, p. 30).

Como pode-se observar, apesar de Tia Nastácia estar numa posição privilegiada de protagonista juntamente com Dona Benta, as duas não possuíam relação de igualdade. Tanto no texto quanto nas ilustrações, a personagem negra é inferiorizada, seja pela falta de instrução formal, ou por suas vestimentas e aparência física. Enquanto os negros ou negras velhas das zonas rurais eram caracterizados como trabalhadores, afetuosos, contadores de histórias populares, últimos representantes do folclore nacional, a representação do negro da cidade era bem diferente.

Na verdade, o preconceito das sociedades centrais que se percebiam no século 19 como “racisticamente” superiores foi transformado em superioridade “cultural” precisamente pela contraposição entre a “racionalidade” (superior) e o “afeto” (inferior) típico das sociedades periféricas. O “racismo”, no entanto, apesar de disfarçado, continua na visão culturalista que também, como em todo racismo, “essencializa” e torna homogêneos indivíduos e sociedades inteiras. (Souza, 2011, p. 57).

Diante disso, observa-se que a abolição da escravidão não proporcionou uma relação de conformidade entre brancos e negros. A falsa ideia de uma cor de pele ser superior à outra perdurou, senão por questões raciais, mas por questões de cultura e de costumes considerados mais civilizados. O que se buscava imprimir era um falso modelo de Brasil moderno, defensor de uma democracia entre as raças. Na verdade, escondiam-se as reais imagens dos negros através de caracterizações generalistas. As relações de humilhação e exclusão eram sutilmente mascaradas na literatura infantil. A caracterização negativa de personagens negros nos livros infantis permaneceu por mais algumas décadas, deixando gerações de crianças afro-brasileiras carentes de uma literatura que lhes representasse positivamente.

O menino marrom (1986) de Ziraldo é um exemplo de texto que apesar de retratar a amizade entre uma criança negra e uma branca, ao colocar o personagem negro como principal, valorizando a diversidade étnica no Brasil, acaba por corroborar

em seu texto e ilustrações de maneira sutil com o preconceito. Por exemplo, vemos no seguinte trecho do livro: " [...] o menino cor-de-rosa resolveu perguntar: por que você vem todo o dia ver a velhinha atravessar a rua? E o menino marrom respondeu: Eu quero ver ela ser atropelada" (Ziraldo, 1986, p. 24).

Observa-se, mais uma vez que a figura do negro é marginalizada e caracterizado de forma negativa. Mais tarde com a publicação de Menina bonita do laço de fita (1988) de Ana Maria Machado, essa abordagem começou a se modificar, com modelos positivos para um público que antes só se via majoritariamente mitificado ou desqualificado. Desde então, as indústrias editoriais têm dedicado mais atenção ao público infantil negro. Muitos livros hoje em circulação que são direcionados às crianças abordam a importante contribuição da cultura afrodescendente para o nosso país. Essas leituras e ilustrações permitem que os jovens se sintam devidamente representados tanto em sua expressão física, ao valorizar sua beleza corporal, quanto em aspectos intelectuais, ao não subestimarem suas potencialidades.

E, em sendo assim, sabemos que há equívocos da parte do professor e da professora no contexto da escola, com relação a compreensão da escola quanto a admitir esse espaço está muito presente o problema ético, daí compreender que:

A dificuldade apresentada pelas professoras em compreender a escola como um espaço onde o problema étnico também está presente pode representar um reforço para a manutenção do preconceito. Esse modo de conceber o cotidiano escolar impede uma busca de trabalhos e experiências que concorram para a superação desse problema. Assim, a escola é idealizada como uma ilha da fantasia, cujos integrantes passaram incólumes pelas agências socializadoras e não incorporaram, no percurso de seu desenvolvimento, qualquer compromisso ou atitude racista (Cavalleiro, 2014, p. 51 -52).

Basta que a escola tome consciência de que é nesse espaço onde se faz presente todo tipo de preconceito ou discriminação e o professor e a professora não pode, nem deve se esquivar dessas reflexões, nem tampouco, subestimar a capacidade intelectual da criança ou do jovem.

#### **4 ANÁLISE DA OBRA: O CABELO DE LELÊ E O COMBATE AO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO FRENTE AO CABELO**



Fonte: Google Imagens, 2023.



A obra literária *O Cabelo de Lelê* (2007), da autora Valeria Belén traz em seu interior a valorização das características da cultura negra, que infelizmente tem sido discriminada devido à sua longa história de racismo. Os sinais ainda estão lá hoje. O livro acompanha uma criança afro-americana que questiona por que seu cabelo é cacheado, "De onde vêm tantos cachinhos? pergunta, sem saber o que fazer" (Belém, 2007, p. 5) mostrando assim que ela se pergunta sobre a origem de tantos cachos porque ela joga o cabelo para o lado e não fica "bom".

O cabelo é um dos elementos que compõe a identidade negra e é um símbolo da cultura. Porém, as representações de beleza mais aceitas socialmente tendem a apagar as diferenças, por isso os negros têm que se apresentar de formas mais "aceitáveis", utilizando técnicas como escovar e alisar os cabelos. Lelê procurou as respostas que queria no livro "Toda pergunta exige resposta. Em um livro vou procurar. Pensa Lelê, no canto a cismar" (Belém, 2007, p. 9). E a personagem encontra-os:

Depois do Atlântico, a África chama e conta uma trama de sonhos e medos de guerras e vidas e mortes no enredo. Também de amor no enrolado cabelo puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado. São tantos cabelos, tão lindos, tão belos! (Belém, 2007, p.14).

A identidade afro-brasileira permeia as atitudes e ações dos personagens. Quando ela encontrou respostas sobre a origem do cabelo nos livros, as pessoas aceitaram muito mais rápido. Lelê Compartilha felicidade com os amigos. Vale ressaltar que os demais personagens da obra são filhos de raças diferentes, que convivem de forma pacífica e sem estereótipos. E ela brincou com seu cabelo, o reorganizando em diferentes penteados, e diferentemente da frase que inicia a obra "Lelê não gosta do que vê", o final após as descobertas feitas pela personagem se percebe que "Lelê ama o que vê! E você?" (Belém, 2007, p. 29). A autora termina por despertar nos leitores a reflexão. Nessa perspectiva, a literatura infantil afro-brasileira ajuda a estruturar o imaginário infantil, fazendo-as sentirem-se inseridas em uma trama com protagonista negro, o que lhes permite reconhecer suas origens e construir uma identidade positiva.

Enfim, acreditamos que é por meio da Literatura Infantil que a criança desenvolve a sua imaginação e a sua criticidade, sobretudo quando a narrativa permite a auto identificação quando a mesma se senti representada em cada história, de modo que contribui para a sua construção identitária, pois a nossa identidade é construída com o meio em que vivemos.

Ora, só estamos trazendo à tona a questão racial, por meio da Literatura Infantil, porque:

O Brasil é um país estruturalmente racista e, nesse cenário, não há como fugir do racismo na escola. Como já dialogamos aqui, a escola é um complexo social gestado no interior de uma sociedade, que carrega as marcas estruturais dela. Isso não significa que, como a escola reproduz racismo, não há nada a ser feito. Muito pelo contrário: sendo a escola um espaço de reprodução dessas estruturas de opressão, precisamos pensar em mecanismos de superação dessas mazelas, principalmente por meio do sistema educacional (Carine, 2023, p. 67).

Carine está nos alertando para o fato de que precisamos pensar em mecanismos de superação dessas mazelas no meio educacional e, é, justamente, por essa razão, que acreditamos na *Literatura Infantil*, em si tratando do livro: *O Cabelo de Lelê* de Valéria Belém. Considerando que a literatura precisa ser escolhida e trabalhada, com o objetivo de trazer igualdade e especificamente abordar mais a representatividade negra. Muitas crianças sofrem com a discriminação dentro do ambiente escolar, onde a visão dos negros, geralmente, está ligada a escravidão, quando o olhar é direcionado para a estética, as pessoas negras, são consideradas como fora dos padrões de beleza da sociedade, e dentro desse contexto, o cabelo crespo é tido como cabelo ruim, estereotipado como com os mais diversos apelidos.

É com base nisso que esse trabalho faz a análise do livro “Cabelo de Lelê”, da autora Valéria Belém, buscando a reflexão sobre os estereótipos criados acerca do cabelo afro e a discriminação que algumas meninas negras sofrem. Sendo assim tem por objetivo mostrar a falta de representatividade negra na literatura infantil, escolhida pelas escolas, principalmente no que se refere a menina negra e o cabelo cacheado ou crespo.

Temos clareza de que a leitura dessa obra *O Cabelo de Lelê* (2007), mostra o quanto ainda há a necessidade de a Literatura Infantil produzir histórias com ilustrações sobre os negros, para que haja representação de valor nas diversas classes sociais, como forma de refletir sobre os mais variados padrões de beleza. Padrões de beleza que é, na maioria das vezes, ditado pela sociedade capitalista e isso precisa ser desconstruído, sobretudo, no contexto da escola, de modo que a menina negra se sinta representada e tenha uma melhor aceitação de si nos diversos contextos dos quais esteja inserida: na rua, na escola, na igreja, nos seus grupos sociais etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o objetivo geral desta pesquisa que foi o o objetivo geral desta pesquisa que foi o de dar visibilidade a Literatura Infantil quanto ao seu papel na formação da criança leitora e a sua contribuição para a representatividade étnico-racial na obra: *O Cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, observa-se que o valor da infância e as inúmeras questões a ela associadas podem ser considerados um assunto relativamente novo e ainda repleto de muitas dúvidas. Em nossa pesquisa pode-se observar que as considerações recentes sobre o mundo infantil mudaram a forma como pensamos, analisamos e criticamos quase tudo relacionado a esse público, principalmente a literatura.

Portanto, estas mudanças têm um impacto direto nos pais e professores, proporcionando maior atenção e possivelmente censura à leitura de obras inadequadas. Na verdade, o foco principal da nossa análise é a representação de personagens negros nas produções infantis ao longo dos anos.

Pode-se observar que os personagens negros eram praticamente inexistentes na literatura até o fim da escravidão, reproduzindo assim a suposta invisibilidade dos negros em uma sociedade de supremacia branca. Estes só começaram a aparecer nos livros no início do século XX – o que é bastante recente. Mesmo assim, durante muitos anos continuamos a ver os negros como escravos, muitas vezes representados como submissos, bestiais ou inferiores. À medida que o movimento contra o preconceito racial avança no país, a comunidade negra procura uma voz na nossa sociedade, que continua fortemente influenciada pelos padrões de beleza e pela cultura europeia.

É importante que todas as crianças, independentemente da sua origem racial, interajam com livros que valorizem a cultura negra, a fim de desmistificar esta suposta superioridade dos brancos sobre os negros. Sendo de suma importância romper com esses paradigmas que infelizmente se desenvolveram ao longo do tempo e dar voz às culturas afrodescendentes nas suas diversas influências estéticas, artísticas e históricas que são tão ricas na formação racial do nosso país e fundamentais, proporcionando aos negros crianças com modelos de representação positivos e autênticos, tanto em ilustrações como em textos infantis.

Ao dar foco na literatura como uma função social importante, procuramos sensibilizar os alunos para que possam criar e recriar o seu mundo de forma criativa. Por esse motivo, nós, educadores, precisamos ter cuidado ao ler e disseminar obras com conteúdo racista, especialmente aquelas escritas quando os estereótipos raciais ainda estavam em mente. Se esses livros forem de alta qualidade, não necessariamente precisam ser excluídos de nossas escolas, mas podem servir de crítica e incentivo para falar sobre temas como valor, justiça e respeito, despertando as crianças para tomar melhores decisões sobre questões ainda tendenciosas, padrões e perspectivas, ideais propagadas pela nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado.** Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BELÉM, Valéria. **“O cabelo de Lelé”.** 1ª edição. Companhia editora nacional, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura infantil.** São Paulo, Editora e livraria brasiliense, 2010.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CASTILHO, Suely Dulce de. **A Representação do Negro na Literatura Brasileira.** In: *Novas Perspectivas Olhar de Professor, Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino Paraná, Brasil*, vol. 7, núm. 1, 2004, p. 103-113.

DEBUS, Eliane. **A temática da Cultura Africana e Afro-Brasileira na Literatura para Crianças e Jovens.** São Paulo: Cortez, Centro de Ciências da Educação, 2017.

GIAROLA, Flávio Raimundo. **Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico.** *História e-Histórias v. SM*, p. 1-21, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador.** Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: RJ: 2017.

- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993.
- LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia.** São Paulo: Ed. Nacional, 1937.
- MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses.** Conversa sobre a origem e a cultura brasileira. São Paulo: Global, 2009.
- MUNANGA, Kabengele. **Origens Africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações,** São Paulo: Global, 2009.
- PINTO, Ziraldo Alves. **O menino marrom.** Editora Melhoramento, 2012.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SILVA, Lucina Cunha; SILVA, Katia Gomes de. O negro na literatura infanto juvenil brasileira. **Revista Thema**, vol. 8, número especial, p.1 - 13, 2011.
- SILVA, Maria Aparecida da. **Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial.** In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- SOUSA, Andréia Lisboa de. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos.** In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 195-217.
- SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: Quem é e como vive.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.
- ZIRALDO. **O menino marrom.** São Paulo: Melhoramentos, 1986.  
Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/valeria-belem/>  
Acessado no dia 05 de novembro de 2023.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar esse trabalho de conclusão de curso as seguintes pessoas:

A Deus, minha fortaleza em momentos de alegria e momentos de aflição.

A minha Mãe, meu refúgio, a mulher mais forte e doce que já conheci.

A minhas primas Verônica, Angélica e Karine que me apoiaram em todo o percurso.

As minhas amigas da universidade Larissa Leite, Maria Franciele e Natália, por estarem presente em todos os momentos de alegrias e apuros durante todos esses anos.

Aos Meus familiares, por serem sempre um respiro de alegria e bom humor.

A minha Orientadora Socorro Moura, pela ajuda e a paciência em me ajudar em todo o processo, sou imensamente grata por compartilhar comigo um pouco do seu conhecimento.

Aos meus professores, obrigada por compartilharem seus conhecimentos e me permitirem chegar até aqui.